Crença

Nota: Para o conceito no contexto religioso, veja Crença religiosa.

Crença é o estado psicológico em que um indivíduo

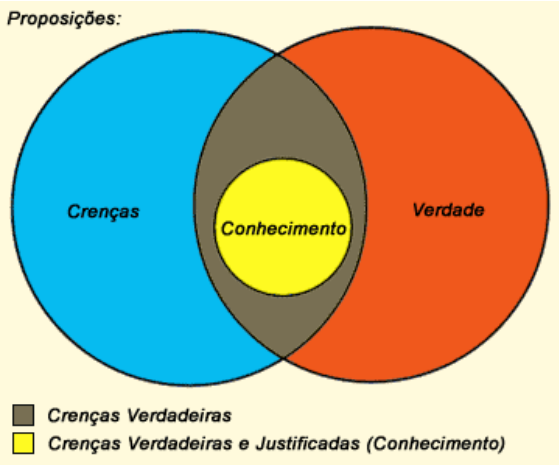

Diagrama do Conhecimento. Em amarelo representa-se o conhecimento como um conjunto de crenças verdadeiras, que foram provadas e justificadas. Em marrom estão as crenças verdadeiras, mas ainda não provadas. Em azul representam-se as crenças falsas, e em vermelho, as verdades desconhecidas.

detém uma proposição ou premissa para a verdade, [1] ou ainda, uma opinião formada ou convicção.[2]

1 Crença, conhecimento e epistemologia

Os termos *crença* e *conhecimento* são usados de formas diferentes na filosofia.

A Epistemologia é o estudo filosófico do conhecimento e da crença. O principal problema na epistemologia é entender exatamente o que é necessário para que nós tenhamos conhecimento verdadeiro. Em uma noção derivada do diálogo de Platão *Teeteto*, a filosofia tem tradicionalmente definido conhecimento como "crença verdadeira justificada". A relação entre crença e conhecimento é que uma crença é o conhecimento, se a crença é *verdade* e se o crente tem uma *justificativa* (afirmações/provas /orientações razoáveis e necessariamente plausíveis) para acreditar que é verdade.

A falsa crença não é considerada conhecimento, mesmo que seja sincera. Por exemplo, um crente da teoria da Terra plana *não sabe* que a Terra é plana. Mais tarde, os epistemólogos por exemplo Gettier (1963)[3] e Goldman (1967),[4] questionaram a definição de "crença verdadeira justificada".

Como Descartes, Peirce começou diferenciando crença de dúvida, para ele, esses são dois estados de mente relativamente fáceis de distinguir, o estado de dúvida, ele observa, é "um estado irritante e insatisfatório, do qual lutamos para nos libertar"; diferentemente, o estado de crença "é calmo e satisfatório". Não somente sentido um forte desejo de converter a dúvida em crença, mas chegamos a nos esforçar para manter as crenças que já temos, para evitar cair novamente em dúvida. Peirce diz "Atemo-nos tenazmente, não somente em crer, mas a crer exatamente naquilo que já cremos."[5][6]

2 Crença e psicologia

Na psicologia, o termo crença na auto-eficiência, define a crença de alguém em seu próprio poder de agir de modo efetivo ou de influencia eventos. Associada ao trabalhado de Albert Bandura, a teoria da auto-suficiência argumenta que uma forte crença na auto-suficiência contribui para um senso positivo de lidar com o mundo, portanto está intimamente ligada com a noção de *locus* interno de controle.[7] De acordo com Bandura, é mais saudável psicologicamente para um inidivíduo ter uma crença em sua auto-suficiência levemente mais alta do que a evidência pode garantir, desde que isso o encoraja a assumir tarefas mais difícies e a persistir nelas.[7]

As crenças são, por vezes, divididas em *crenças raiz* (que estão ativamente pensadas) e *crença disposicionais* (a que pode ser atribuída a alguém um que não tenha pensado sobre o assunto). Por exemplo, se perguntado: "você acredita que tigres vestem pijamas?" uma pessoa pode responder que não, apesar do fato de que eles podem nunca ter pensado sobre essa situação antes.[8]

3 A formação da crença

Os estudos dos Psicólogos estudam a formação das crenças e a relação entre crenças e ações. As crenças se formam a partir de várias maneiras:

- Tendemos a interiorizar as crenças das pessoas ao nosso redor durante a infância. Albert Einstein é frequentemente citado como tendo dito que "O senso

comum é a coleção de preconceitos adquiridos por dezoito anos."[9] A maioria das pessoas acreditam na religião que foram ensinados na infância.[10]

- As pessoas podem adotar as crenças de um líder carismático, mesmo que essas crenças desapareçam em face de todas as crenças anteriores e produzam ações que não são claramente de próprio interesse.[11] A crença é voluntaria? Indivíduos racionais precisam conciliar sua realidade direta com qualquer dita crença e, portanto, se a crença não está presente ou possível, isso reflete o fato de que as contradições eram necessariamente superaries usando dissonância cognitiva.
- A propaganda pode formar ou mudar as crenças através da repetição, choque e associação com imagens de sexo, amor, beleza e outras fortes emoções positivas.[12]
- Trauma físico, especialmente na cabeça, pode alterar radicalmente as crenças de uma pessoa.[13]

No entanto, mesmo as pessoas mais educadas e conscientes do processo pelo qual as crenças se formam, ainda se agarram firmemente às suas crenças e agem de acordo com essas crenças, mesmo contra seu próprio interesse. Na *Teoria da Liderança* de Anna Rowley, ela afirma: "Você quer que suas crenças mudem. É a prova de que você está mantendo os olhos abertos, vivendo plenamente e aceitando tudo o que o mundo e as pessoas ao seu redor podem lhe ensinar." Isso significa que as crenças dos povos deve evoluir à medida que ganham novas experiências.[14]

3.1 A "crença em"

"Crer em" alguém ou alguma coisa é um conceito distinto de "acreditar que". Existem dois tipos de "crença em":[15]

- **Comendatária** -uma expressão de confiança em uma pessoa ou entidade, como em "Eu acredito em sua capacidade de fazer o trabalho."
- **Afirmação existencial** - reivindicar a crença na existência de uma entidade ou fenômeno com a necessidade implícita de justificar sua pretensão de existência. É frequentemente usada quando a entidade não é real, ou a sua existência está em dúvida. "Ele acredita em bruxas e fantasmas" ou "muitas crianças acreditam em Papai Noel" são exemplos típicos.[16]

4 Ver também

- Cognição
- Fé
- Convicção
- Certeza
- Religião
- Opinião
- Pensamento crítico
- Verdade

5 Referências

[1] Schwitzgebel, Eric (2006), "Belief", in Zalta, Edward, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Stanford, CA: The Metaphysics Research Lab, http://plato.stanford.edu/entries/belief/, visitado em 2008-09-19 (em inglês)

[2] *Dicionário UNESP do português contemporâneo* UNESP [S.l.] 2004. p. 358. ISBN 978-85-7139-576-3.

[3] Gettier, E. L. (1963). «Is justified true belief knowledge?». *Analysis* [S.l.: s.n.] **23** (6): 121–123. JSTOR 3326922.

[4] Goldman, A. I. (1967). «A causal theory of knowing». *The Journal of Philosophy* [S.l.: s.n.] **64** (12): 357–372. JSTOR 2024268.

[5] Charles Sanders Peirce. *The Essential Peirce, Volume 1: Selected Philosophical Writings (1867–1893)* **I** Indiana University Press [S.l.] p. 114. ISBN 978-0-253-20721-0.

[6] CORNELIS DE WAAL. *Sobre pragmatismo* LOYOLA [S.l.] p. 32. ISBN 978-85-15-03295-2.

[7] Peter Stratton (2003). *Dicionário de Psicologia* Cengage Learning Editores [S.l.] p. 55. ISBN 978-85-221-0091-0.

[8] Bell, V.; Halligan, P. W.; Ellis, H. D. (2006). «A Cognitive Neuroscience of Belief». In: Halligan, Peter W.; Aylward, Mansel. *The Power of Belief: Psychological Influence on Illness, Disability, and Medicine* (Oxford: Oxford University Press). ISBN 0-19-853010-2. (em inglês)

[9] Gelman, Andrew; Park, David; Shor, Boris; Bafumi, Joseph; Cortina, Jeronimo (2008). *Red State, Blue State, Rich State, Poor State: Why Americans Vote the Way They Do* Princeton University Press [S.l.] ISBN 978-0-691-13927-2.

[10] Argyle, Michael (1997). *The Psychology of Religious Behaviour, Belief and Experience* (London: Routledge). p. 25. ISBN 0-415-12330-5. «A religião, na maioria das culturas, é atribuída, não escolhida.» (em inglês)

[11] Hoffer, Eric (2002). *The True Believer* (New York: Harper Perennial Modern Classics). ISBN 0-06-050591-5.

[12] Kilbourne, Jane; Pipher, Mary (2000). *Can't Buy My Love: How Advertising Changes the Way We Think and Feel* Free Press [S.l.] ISBN 0-684-86600-5. (em inglês)

[13] Rothschild, Babette (2000). *The Body Remembers: The Psychophysiology of Trauma and Trauma Treatment* (New York: W. W. Norton & Company). ISBN 0-393-70327-4. (em inglês)

[14] Rowley, Anna (2007). *Leadership Therapy: Inside the Mind of Microsoft* (Basingstoke: Palgrave Macmillan). p. 69. ISBN 1-4039-8403-4. (em inglês)

[15] MacIntosh, J. J. (1994). «Belief-in Revisited: A Reply to Williams». *Religious Studies* [S.l.: s.n.] **30** (4): 487–503. doi:10.1017/S0034412500023131.

[16] Macintosh, Jack. «Belief-in». *The Oxford Companion to Philosophy* [S.l.: s.n.] p. 86. ISBN 978-0-19-926479-7. (em inglês)

6 Fontes, contribuidores e licenças de texto e imagem

6.1 Texto

- **Crença** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Cren%C3%A7a?oldid=43091792 *Contribuidores:* Luis Dantas, Chico, Thecpozzoli, Ziguratt, Leinad-Z~ptwiki, OS2Warp, Cesarschirmer, Mosca, Fernando Bilinski, Principia14, FSogumo, Claudiobraz, Andrelz, Stego, Dhyone, Brunosl, Bluedenim, Heiligenfeld, LeoBot, Beria, RadiX, Vitor Mazuco, Eamaral, Vanthorn, Salebot, Wikibrazilian, Stegop, Florendas, Aleph Bot, Jbribeiro1, Bobo.bo, Stuckkey, Mateus95860, MerlIwBot, Luizpuodzius, Dianakc, DARIO SEVERI, Garsd, Leon saudanha, Addbot, Thiênio, Jackgba e Anónimo: 43

6.2 Imagens

- **Ficheiro:Conhecimento-Diagrama.png** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/53/Conhecimento-Diagrama.png *Licença:* Public domain *Contribuidores:* No machine-readable source provided. Own work assumed (based on copyright claims). *Artista original:* No machine-readable author provided. Leinad-Z~commonswiki assumed (based on copyright claims).
- **Ficheiro:Disambig_grey.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Disambig_grey.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Bub's
- **Ficheiro:P_religion_world.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/28/P_religion_world.svg *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:SeptemArtes-Philosophia-Detail.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1c/SeptemArtes-Philosophia-Detail.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* from "Hortus deliciarum" of Herrad von Landsberg - date: about 1180 *Artista original:* User:Markus Mueller
- **Ficheiro:Wikiquote-logo.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fa/Wikiquote-logo.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Rei-artur

6.3 Licença

- Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0